



ENTREVISTA COM O EMBAIXADOR DO BRASIL NO PARAGUAI JOSÉ EDUARDO MARTINS FELÍCIO¹.

Entrevistadores:
Prof. Dr. Marcio A. Scherma & Prof. Dr. Tomaz Espósito Neto;

1. O senhor poderia falar sobre sua trajetória acadêmico - profissional?

Cursei a faculdade de direito no ano de 1973, o mesmo ano em que ingressei na carreira diplomática, depois fui para Brasília já casado, no ano de 1974, e estou na estrada há 42 anos. Quanto ao meu tempo no Itamaraty, como costuma acontecer na nossa carreira e no meu caso, tenho um pouco mais de dois terços da minha carreira no exterior entre alguns períodos em Brasília. A primeira vez que saí do Brasil fiquei nove anos no exterior. Quando voltei, tive algumas responsabilidades fora do Itamaraty. Tive experiências duas vezes na Presidência da República e uma vez no Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, representando meu último período em Brasília que foi de aproximadamente seis anos. Depois tive responsabilidades na área americana e sul-americana, exatamente quando se inaugurou o governo do presidente Lula, em que fiquei encarregado da América do Sul até 2006 quando fui ser embaixador no Uruguai por quatro anos, depois três anos em Cuba e agora um ano e meio no Paraguai. Isso resume um pouco a minha trajetória profissional.

2. Neste período em que o senhor está à frente da Embaixada no Paraguai, quais são os principais desafios, temáticas e questões na agenda?

No Paraguai temos uma prioridade na questão comercial, com um esforço grande da parte do governo paraguaio em atrair investimentos e de utilizar mais energia - já que grande parte da energia gerada em Itaipu que cabe ao Paraguai eles exportam para o Brasil, o que eles chamam de energia cedida. Há um esforço de vender o país como um país capaz de atrair investimentos e isso tem dado alguns resultados, a partir da própria construção da linha de transmissão que foi inaugurada em 2013 com recursos basicamente do Focem e também com contribuição voluntária do Brasil. A construção desta linha de transmissão permitiu ao Paraguai um consumo de 12% a mais de eletricidade, o que é bom para eles, pois é uma energia da qual eles possuem direito e ao invés de transferir para o Brasil mediante pagamento, eles podem com essa energia atrair mais investimento, oferecendo-a a um custo mais barato do que no Brasil e nos demais países vizinhos.

¹ Entrevista, realizada no dia 11 de junho de 2015, durante a 6ª Semana Acadêmica de Relações Internacionais da UFGD.



A embaixada então tem ajudado neste processo através de rodadas de negócios, buscando empresas brasileiras que queiram se instalar no Paraguai, acreditando que isso seja também do nosso interesse, uma vez que formaliza a economia do Paraguai e cria mecanismos eficientes de combate à criminalidade. Com a economia forte, o jovem pode evitar ter o seu primeiro emprego nas redes de atividades ilegais; ao invés disso, ele pode conseguir um emprego em uma indústria, seja ela brasileira ou não. Nós coadjuvamos este esforço do governo do Paraguai em atrair investimentos seja ele de origem brasileira ou de outra origem. Eu acho que está dando um bom resultado, já que nos últimos dois anos os novos investimentos diretos no Paraguai são provenientes do Brasil, avaliados em 200 milhões de dólares pelo Banco Central do Paraguai.

3. Essa iniciativa partiu do governo federal ou dos empresários, associações?

Nós identificamos que já havia um interesse grande pelo Paraguai e muita curiosidade da parte de empresas brasileiras, além disso, o país tem o que eles chamam de “regime de maquila”, que lhes permitem importar de várias origens e transformar no Paraguai. Eles têm um tratamento de conteúdo nacional dentro do Mercosul que é mais benéfico para o Paraguai, então eles podem dizer que determinado produto é paraguaio e é exportado para o Brasil e para outros destinos como produto paraguaio.

Desta maneira, as muitas empresas brasileiras e também multinacionais verificaram que elas podem tornar o produto final brasileiro mais competitivo se produzirem parte no Paraguai - o que já está acontecendo com autopeças, por exemplo. Há duas empresas japonesas, uma já em funcionamento no Paraguai e outra que vai funcionar a partir de julho ou agosto produzindo para exportar autopeças principalmente para o Brasil e também para a Argentina. E isso interessa ao Brasil pela lógica que eu já procurei demonstrar sobre mais formalidade na economia e interessa para a empresa porque o automóvel brasileiro feito com cabeamento elétrico do Paraguai demanda muita mão de obra. Enfim, muitas peças dessas vão transformar o automóvel, o produto final brasileiro, provavelmente, se tornando mais competitivo no mercado internacional.

4. Como está o ambiente no governo Cartes em relação ao Brasil?

Está muito bom. Nós temos trabalhado em conjunto com muita eficiência, há uma grande abertura em relação ao Brasil. O próprio presidente reconhece a contribuição da comunidade brasileira com o desenvolvimento agroindustrial do Paraguai e ele, inclusive, infla os dados que nós temos sobre a comunidade brasileira e seus descendentes, dizendo por sua conta que são 8% da população do Paraguai, o que faz esse número chegar a mais de 500 mil de pessoas. A população do Paraguai hoje é de seis milhões e quatrocentas mil pessoas, então 8% disso é um número bastante importante. Porém, esta não é uma estatística confiável, inclusive porque muitos descendentes não registram mais os seus filhos e não procuram os consulados. Mas nós trabalhamos com um número de 350 a 400 mil brasileiros e seus descendentes.

Então, para retornar à sua pergunta. O presidente reconhece a contribuição da comunidade na agroindústria, ele próprio é agricultor e industrial também, e tem uma relação empresarial forte com o Brasil. Recebeu ao longo do ano passado várias missões de em-



presários brasileiros que foram ou acompanhados da embaixada ou espontaneamente. Ou seja, ele tem uma abertura grande com relação ao Brasil.

Devo dizer também que há investimentos paraguaios no Brasil. O Banco Continental do Paraguai comprou um banco no Rio Grande do Sul e hoje opera no Brasil também. Então, não é só uma via de mão única, é uma via de duas mãos.

5. No Paraguai existe uma expansão da presença asiática na economia e na política?

Eu acho que é modesta. A verdadeira expansão no país é a brasileira. Sem desmerecer o trabalho de ninguém, o Brasil é o país mais importante que há no Paraguai. Em termos de investimento ou de estoques de investimentos, o principal investidor ainda é os Estados Unidos e o segundo investidor é o Brasil. Nos últimos anos há um predomínio de empresas brasileiras que investem sem a ajuda do governo, é o capital de risco que estão levando para lá. Existe a agroindústria, frigoríficos, embalagens, plásticos, calçados, vestuário; ou seja, muitas empresas brasileiras que vão, inclusive, para exportar para o Brasil.

O investimento não é somente de origem brasileira, mas o mercado do Paraguai é o Brasil e é um mercado de qualidade. Eles exportam alimentos para o mundo todo, porém para o Brasil estão exportando cada vez mais produtos industriais e isso também nos interessa para a formalização da economia, já citada anteriormente.

6. Em relação a comunidade brasileira. Como são os processos em que órgãos diplomáticos atuam; ou seja, quais são as demandas? Como está a questão da terra, na qual brasileiros vivem em terras paraguaias?

A embaixada atua indiretamente na proteção ao cidadão brasileiro que fica a cargo do consulado geral em Assunção, onde temos duas repartições do governo: a embaixada e o consulado geral, que se encarrega da proteção aos brasileiros; ou seja, se há um cidadão preso, são eles que vão à penitenciária levar alimentos, dar a assistência necessária. Já a embaixada se encarrega da relação política no Paraguai. Além disso, há em outras localidades do Paraguai consulados que também se encarregam da proteção aos brasileiros. Em Ciudad del Leste há um embaixador, temos um consulado em Encarnación, Concepción e um outro em Pedro Juan Caballero. Então na parte de assistência aos brasileiros ou documentação é o consulado que faz.

Quando houve problemas no passado, eu tenho impressão que no governo Lula, no qual havia muitas críticas sobre a questão dos brasiguaios, houve um esforço concentrado de documentação dos brasileiros resultando em uma estimativa de vinte mil brasileiros e seus descendentes documentados na época, com o objetivo evidentemente, de dar maior proteção.

Os consulados possuem o que chamamos de conselhos de cidadãos, que são conselhos compostos por pessoas escolhidas da comunidade e que se reúnem periodicamente para discutir os problemas que possuem. Como embaixador político ao tomar conhecimento de algum problema com documentação, vou ao INDERT que é o INCRA do Paraguai, se necessário vou até o presidente da corte suprema em casos de problemas mal resolvidos na justiça, ministros ou assessores jurídicos do presidente e sem interferir



na justiça paraguaia converso com essas pessoas sempre que há necessidade de levar ao plano político a proteção aos brasileiros. Também viajo pela fronteira acompanhado do meu chefe de gabinete para ouvir as demandas da região, porque muitos problemas que surgem na fronteira podem, eventualmente, serem resolvidos por meio de acordos bilaterais que podem ser efetuados somente por mim.

7. Nesse sentido, podemos dizer que a relação Brasil - Paraguai da ótica dos países certamente tem se aprofundado, mas quando olhamos para os estados vizinhos, particularmente no caso do Mato Grosso do Sul, temos a impressão que as empresas daqui aproveitam muito pouco as oportunidades de investimentos apesar da proximidade territorial. O senhor poderia nos traçar um cenário de como está esta relação e se há algum tipo de aproximação mais intensa?

Neste caso, o Paraguai realmente deveria possuir uma relação com os estados vizinhos, mas esta relação acontece entre os governos centrais, então por isso, as vezes até por uma deficiência, o Paraguai se vende para São Paulo, faz uma rodada de negócios lá, quando deveria fazer na fronteira. Não critico o governo atual, que através do ministro do comércio e da agricultura, tem ido ao Rio Grande do Sul, ao Paraná, à Santa Catarina e até mesmo aqui no Mato Grosso do Sul, então talvez o brasileiro também possa estar voltado para outro mercado e não para o outro lado da fronteira.

Por isso, devemos identificar aonde é que está o problema; por exemplo, se o estado do Mato Grosso do Sul produz soja ou milho, estes produtos são exportados para a China. O empresário brasileiro está mais preocupado em vender para o Vietnã ou para a China do que olhar para a fronteira. Na maioria das vezes ele vai à fronteira somente para comprar produtos de reexportação, por exemplo. Talvez a questão seja de uma maior integração da economia, buscar empresários que queiram abrir negócio no Paraguai. Muitas vezes nós temos pessoas cultivando lá as mesmas coisas que cultivamos aqui no Brasil, então poderia haver uma maior industrialização destes produtos. É algo que deve ser estudado, mas vejo que se eles olham para o governo central do Brasil e para o exterior, nós fazemos isso também.

8. Existem alguns entraves encontrados por entes subnacionais desta região de fronteira para a realização de cooperação - damos como exemplo um programa da UFGD de educação intercultural na fronteira que possui uma série de dificuldades como transporte de alunos entre os dois países, além de problemas recorrentes como saneamento básico. De que maneira estes problemas poderiam ser solucionados ou diminuídos?

Estas são questões que possuem soluções, mas a legislação brasileira e de qualquer país é feita tendo em mente o Brasil como um país unitário, uma entidade uniforme perante o mundo todo. Então devem ser criados mecanismos próprios da fronteira, às vezes até flexibilizando a lei nacional.

No período em que estive no Uruguai fizemos um acordo voltado para o cidadão fronteiriço que resultou das minhas viagens à fronteira. Neste acordo fizemos uma pauta e através do que chamamos de estatuto da fronteira começamos a dar atenção principal-



mente à saúde e educação e acredito que funcionou. Este acordo não é difícil de fazer, porém não pode ser feito para toda faixa de fronteira, porque de acordo com a constituição brasileira são 150 km de faixa, desta maneira, teríamos um número de mais de 500 municípios a serem inclusos nesta proposta. Então, a ideia do Uruguai, que em minha opinião deu bom resultado, foi de colocar um anexo ao acordo que pode ser modificado, indicando quais são os municípios da fronteira. Arbitrariamente, foram considerados somente os municípios a 20 km da fronteira. Por fim, o objetivo era dar uma carteira para o cidadão fronteiriço e desta maneira, ele possuir um tratamento diferenciado para evitar diversos problemas.

Talvez isso possa ser aplicado no caso do Paraguai, mas a economia específica do país nesta região vai influenciar o tipo de acordo a ser realizado. Além disso, existem alguns problemas que não podem ser resolvidos juridicamente e em determinados casos não interessa nem para o governo e nem para a comunidade onde é que passa a linha de fronteira. Esse fato passa a ser irrelevante, o que realmente importa é o território e aquela comunidade. Enquanto isso, o burocrata que está em Brasília, em Assunção ou La Paz nem sempre tem a noção desta realidade.

9. Em breve recomeçaremos a renegociação do Tratado de Itaipu. Já existe uma movimentação tanto paraguaia quanto brasileira em relação a isso? Existem reclamações na imprensa por parte de generais aposentados que se dedicam a escrever contra o Brasil, falando sobre o império brasileiro e sobre a Guerra da Tríplice Aliança - que chamamos de Guerra do Paraguai - com o objetivo de “manter a ferida aberta” e desacreditar desta visão de futuro que nós possuímos, mas isso não me incomoda e somente me preocupa, pois buscamos sempre criar fatos positivos independentemente de tratados da guerra que tratamos através de palestras sobre história.

Inclusive esse ano auxiliamos um investigador paraguaio em um seminário sobre história militar da guerra que é um assunto que merece ser estudado, mas sem nenhum ranço para estudarmos com objetividade e seriedade o que aconteceu. Além disso, há um aspecto emocional muito grande nessa história que devemos compreender talvez até pelo fato do Paraguai ser um país menor. Enfim, buscamos criar fatos positivos em diversos aspectos, mas este fator não atrapalha o trabalho que realizo e as relações entre Brasil e Paraguai.